



# A Santa Sé

---

PEREGRINAÇÃO APOSTÓLICA DO SANTO PADRE  
À ÁSIA ORIENTAL, OCEANIA E AUSTRÁLIA  
(25 DE NOVEMBRO A 5 DE DEZEMBRO DE 1970)

**DISCURSO DO PAPA PAULO VI**  
**AOS PARTICIPANTES NA ASSEMBLEIA PLENÁRIA**  
**DOS BISPOS DO SUDESTE ASIÁTICO**

*Aula Magna da Universidade de St. Tomás*  
*Manila, Filipinas*  
*Sábado, 28 de Novembro de 1970*

*Veneráveis Irmãos,*  
*Bispos das Filipinas*  
*e Bispos da Ásia*

Saudamos todos, em Cristo Nosso Senhor!

Saudamos, em primeiro lugar, o Cardeal Rufino Santos, Arcebispo desta Igreja de Manila, que hospeda esta Reunião extraordinária. Mas também a cada um de vós, Irmãos, dirigimos neste momento a saudação da fé e da caridade. As vossas Igrejas e às vossas terras fazemos os Nossos melhores votos, cheios de reverência, de amizade e de paz!

Estamos, finalmente, aqui reunidos. Esta Assembleia enche-Nos a alma de júbilo. Representa uma novidade, mas, em si, corresponde à íntima natureza da Igreja; esta, efectivamente, foi sempre a família dos que crêem em Cristo, « de todas as nações que há debaixo do céu » (Act 2, 5). Apresenta-se à Nossa memória aquele cenário do dia de Pentecostes, e a invocação do Espírito Santo sobe-Nos, espontânea, do coração aos lábios — « Veni Sancte Spiritus! ».

Para passar convosco, em gozo espiritual, este momento, que Nos parece histórico e misterioso,

tivemos de empreender uma longa viagem, de Roma até Manila. Fizemo-lo para Nos encontrarmos convosco, para vos conhecer melhor, para honrar esta assembleia, para encorajar os vossos trabalhos, caríssimos Irmãos, e para apoiar as vossas resoluções. Vós sois, por conseguinte, a finalidade da Nossa presença aqui. E, assim, sois naturalmente também o tema das Nossas palavras e, ao virmos a este Continente imenso, o primeiro objecto da Nossa caridade.

Mais do que a novidade e singularidade deste encontro, parecem-Nos merecer a atenção de todos nós, imediatamente, o significado teológico de que ele se reveste e o mistério que realiza: Cristo está aqui! Sim: está aqui em virtude daquele facto, que se repete sempre que se verifica uma reunião em Seu nome (cfr. *Mt* 18, 20); está aqui, também, em virtude da fé, que O torna hóspede em cada um de nós (cfr. *Ef* 3, 17); está aqui, ainda, pela intervenção da Nossa humilde pessoa, à qual, como a qualquer ínfimo sucessor de Pedro, compete, por antonomásia, o título de Vigário de Cristo; está aqui, finalmente, pelo ministério apostólico que foi confiado a cada um de nós (cfr. *Lumen Gentium*, n. 21), em consequência daquela relação colegial, que nos une (cfr. *Ibid* n. 22), a nós, sucessores dos Apóstolos, revestidos do poder não só de representar, mas também de tornar presente a Sua voz e a Sua virtude salvífica (cfr. *Mt* 28, 19) sobre a terra e no tempo (cfr. *Lc* 10, 16). Cristo, portanto, está aqui!

Procuremos compreender esta realidade misteriosa, com um acto de fé consciente e forte. É verdadeiramente assim: nós acreditamos, firmemente, que a promessa do Senhor — «...Eu estarei sempre convosco, até ao fim do mundo » (*Mt* 28, 20) — se realiza aqui, neste momento, historicamente, de modo singular e maravilhoso. Cristo está connosco!

Mas como se realiza essa promessa, neste momento ? — Realiza-se na face da Igreja, que é, ela própria, « sinal e sacramento de Cristo » (cfr. *Lumen Gentium*, n. 1; H. De Lubac, *Méditations sur l'Église*, p. 157 ss.), naquela face que parece irradiar, aqui, com luminosa evidência, as notas características da mesma Igreja: una, santa, católica e apostólica. A última destas quatro notas, a apostolicidade, interessa-nos agora de modo particular. Reflectamos, pois, por uns momentos sobre ela.

Todos nós, aqui reunidos, somos continuadores dos Apóstolos, os quais receberam do próprio Cristo o mandato, o poder e o Seu Espírito, para perpetuarem e alargarem a Sua missão. Somos os herdeiros dos Apóstolos; somos Cristo operante na história e no mundo, somos os ministros do governo pastoral da Igreja; somos, além disso, o órgão institucional: « administradores dos mistérios de Deus » (*1 Cor* 4, 1; cfr. *2 Cor* 6, 4; *Lumen Gentium*, n. 20).

Bem sabeis que o recente Concílio proclamou abertamente esta doutrina, que faz parte da constituição divina e perene da Igreja; e sabeis também que, a respeito dessa doutrina, se levantaram, nos nossos dias, muitas discussões, nem todas úteis para a confirmar e para a esclarecer ulteriormente, como seria para desejar; pelo contrário, algumas vezes, têm servido

apenas para a confundir e enfraquecer. Parece-Nos que esta é, para todos nós, uma ocasião propícia para reafirmarmos a nossa sólida adesão à doutrina da apostolicidade da Igreja.

Reparai que esta doutrina da apostolicidade estabelece a permanência e a autenticidade da fundação da Igreja por parte de Cristo; é ela que demarca as fronteiras da comunhão eclesial (cfr. *Lc* 10, 16; e 11, 23; *Unitatis Redintegratio*, n. 2); é ela, ainda, que qualifica, com carácter sacramental, as nossas pessoas, em ordem ao ministério que nos foi confiado; que nos insere num só Colégio Apostólico, presidido por Pedro, estabelecendo entre nós vínculos de unidade, de caridade, de paz, de solidariedade e de colaboração; que reivindica a importância e a fidelidade da Tradição e, ao mesmo tempo, demonstra a vitalidade actual e a juventude da Igreja, sempre em renovação; que dá a justificação da sua hierarquia orgânica e da funcionalidade vital do Corpo Místico; que tutela a existência e o exercício dos poderes ministeriais, próprios do Sacerdócio cristão, participante do único Sacerdócio de Cristo; que é a fonte primária autorizada e responsável da actividade missionária (cfr. Ch. Journet, *L'Église du Verbe Incarné*, II, p. 1208, n. 2). Ela, porém, não faz do Episcopado uma casta privilegiada, porque a sua autoridade não deriva da « base », mas sim de Cristo; faz dele um órgão para o bem, para o serviço de todas as Igrejas particulares e de toda a Igreja Católica, operante por amor, até ao sacrifício (cfr. *Christus Dominus*, n. 6).

Quisemos recordar-vos tudo isto, Irmãos, para que tenhais confiança ilimitada na assistência de Cristo às vossas pessoas, às vossas canseiras, aos vossos sofrimentos e às vossas esperanças. Deveis ter consciência da vossa vocação, da vossa eleição e da vossa responsabilidade. No íntimo das vossas almas deveis ouvir sempre o eco daquela frase de S. Paulo: « Tomai cuidado convosco e com todo o rebanho de que o Espírito Santo vos constitui administradores, para apascentardes a Igreja de Deus, adquirida por Ele com o Seu próprio Sangue » (*Act* 20, 28). Portanto, sede fortes e pacientes. Tendes diante de vós um imenso campo de apostolado; bastaria a sua vastidão geográfica e a incomensurável multidão dos seus habitantes para a vossa energia apostólica se sentir estimulada.

Nesta altura, deveríamos olhar de relance para este panorama humano, onde se deve exercer o vosso ministério; mas bem sabemos que, neste campo, já adquiristes conhecimentos teóricos e práticos.

Tendes diante de vós um imenso campo de apostolado! É difícil falar desta Ásia, onde vive mais da metade da humanidade, como de um todo. Podem-se, no entanto, fixar alguns pontos de interesse comum, uma certa igualdade na concepção da vida e uma certa concordância nas aspirações. Jovem pela sua população, mas rica de civilizações, por vezes milenares, a Ásia, nesta altura, sente-se impelida, como que por uma vontade irresistível, a ocupar o lugar que lhe compete no mundo, e a sua influência efectivamente está em contínuo aumento. A atracção da mudança e o desejo de progresso sentem-se presentes em toda a parte; e vemos nisto uma nova oportunidade para o homem de hoje.

Éverdade que, salvo nalgumas regiões, como aqui nas Filipinas, a Igreja, na Ásia, apesar da sua já longa história, se encontra representada só por pequenas minorias. Entretanto, quem poderá descrever o alto grau de dedicação heróica e de fé do homem asiático, que nortearam os destinos das missões neste continente, desde os seus alvares? Quem poderá contar as peripécias, frequentemente dolorosas e trágicas — até nos nossos dias — de um apostolado missionário, a que só um apoio vindo do Alto poderia dar força para ser suportado! Devemos tributar a este esforço missionário o testemunho do reconhecimento e o louvor de toda a Igreja. Além disso, a nossa esperança é grande, porque está fundada no mandato do Senhor de ir a todas as nações, e nas promessas enunciadas nas parábolas do grão de mostarda e do fermento na massa (cfr. *Lc* 13, 18-20).

Limitar-Nos-emos, pois, a mencionar alguns pontos que Nos parecem de capital importância para a vossa missão presente. Nada do que vamos dizer vos é desconhecido; mas esperamos que vos seja grato ter, nas Nossas palavras, a confirmação dos vossos pensamentos e dos vossos propósitos.

A primeira coisa que vos desejamos propor é a seguinte: procuremos tomar como nosso guia os ensinamentos do recente Concílio Ecuménico. Eles sintetizam e ratificam o património da Tradição católica, abrindo perspectivas para uma renovação da Igreja, de acordo com as necessidades e as possibilidades dos tempos modernos. Esta adesão à doutrina do referido Concílio poderá estabelecer uma harmonia magnífica em toda a Igreja. E notemos que esta harmonia multiplica a eficiência da nossa acção pastoral, defendendo-nos dos erros e das fraquezas da nossa época, especialmente no campo da fé. Parece-Nos que é, precisamente, para a defesa e difusão da fé, que se devem orientar a nossa primeira expressão espiritual e o nosso primeiro cuidado pastoral. Nós, Bispos, somos as testemunhas qualificadas e responsáveis da fé. Nós, Bispos, somos os Mestres da fé, os pregadores e os promotores do seu ensino, o que, para nós, constitui uma obrigação primária. Tudo o que fazemos para promover o estudo da fé — a catequese, o conhecimento e a meditação da Palavra de Deus, a cultura e as escolas católicas, a nossa imprensa, o recto uso dos meios de comunicação social, o diálogo ecuménico — situa-se no plano deste dever. Não podemos ficar calados. Não podemos consentir que a verdade e a unidade da fé se percam. Devemos fazer, realmente, com que a fé se torne o princípio originário e operante da vida cristã das nossas comunidades.

Além da afirmação e da ortodoxia da fé, permiti que também recomendemos a oração. Actualmente estamos a assistir à decadência da oração; e bem conheceis as causas deste fenómeno. Dispomos, porém, de dois grandes recursos (embora de ordem diferente) para favorecer a oração: um é a reforma litúrgica, promovida pelo recente Concílio, que não se limitou apenas a renovar as expressões rituais, em conformidade com certas normas tradicionais, mas também reavivou as fontes doutrinárias, sacramentais, comunitárias e pastorais da oração eclesial. Se quisermos que a oração continue a ser sempre a expressão viva e sincera dos fiéis e a manter, na Igreja, o primado dos valores religiosos, deveremos tirar todo o proveito deste

ensinamento providencial.

Outro recurso que favorece a oração é a natural predisposição do espírito asiático. Devemos ter em grande honra e cultivar este inato e profundo sentido religioso, que caracteriza a alma oriental; devemos defender a espiritualidade própria destes povos e impedir que o seu contacto com a moderna civilização profana e materialista acabe por sufocar as profundas aspirações da sua espiritualidade. Estamos certo que a Igreja possui o segredo do verdadeiro colóquio com Deus; compete a vós fazer com que a alma dos vossos fiéis se disponha a ouvir a Palavra misteriosa e autêntica de Deus e a aceitar a expressão intensa e filial do diálogo religioso; foi Cristo quem nos autorizou e é o seu Espírito quem nos habilita a mantermos este diálogo com o Pai Celeste.

Ainda a este propósito, apresenta-se outro problema, que diz respeito não só à linguagem da oração e do ensino religioso, mas também ao carácter e ao estilo da evangelização, que, como diz o recente Concílio, deve ser adaptada ao particular modo de pensar e de agir dos povos a quem é dirigida (cfr. *Ad Gentes*, nn. 16-18 etc.).

Se, no passado, um conhecimento talvez insuficiente das riquezas escondidas das diversas civilizações pôde dificultar a difusão da mensagem evangélica e dar à Igreja uma certa aparência estrangeira, compete a vós demonstrar que a Salvação, trazida por Jesus Cristo, é oferecida a todos, sem distinção de condições, nem ligação privilegiada com qualquer raça, continente ou civilização; e que, longe de querer abafar «o que há de bom no coração e na mentalidade dos homens, ou nos ritos próprios e culturas dos povos...» (*Lumen Gentium*, n. 17; cfr. *Ad Gentes*, n. 22), o Evangelho purifica-os, eleva-os e completa-os, para a glória de Deus. À semelhança de Jesus Cristo, que compartilhou a condição dos seus, também o homem da Ásia pode ser católico e permanecer plenamente asiático. Como declarámos o ano passado em África, se a Igreja deve ser, primeiro que tudo, católica, é legítimo e até mesmo para desejar um certo pluralismo na maneira de exprimir a fé comum, no mesmo Senhor Jesus Cristo.

E isto, Irmãos, é também o fundamento da particular responsabilidade: que tendes de continuar a anunciar Jesus Cristo aos homens da Ásia. Com efeito, ninguém melhor do que um asiático pode falar a um asiático. Ninguém melhor do que ele deveria saber haurir, nos tesouros de culturas tão ricas, os elementos para a edificação, na mesma Ásia, de uma Igreja una, católica, fundada sobre os Apóstolos e, contudo, diversa nos seus estilos de vida. Não devemos, porventura, mencionar, por exemplo, para louvor das vossas populações e conforto da vossa actividade pastoral, a predisposição natural dos Orientais para o mistério religioso, predisposição que parece ser um sinal profético da sua vocação à Revelação cristã?

Faltaria uma parte essencial à maturidade das vossas Igrejas particulares se, nelas, não desabrochassem vocações missionárias. E, pois, aos Bispos da Ásia, aos seus sacerdotes, aos seus religiosos e religiosas e aos seus leigos empenhados no apostolado, que compete serem os primeiros apóstolos dos seus irmãos da Ásia, ajudados pelos missionários estrangeiros, cujos

merecimentos são tão grandes e cujo esforço, praza a Deus, possa prosseguir e intensificar-se, em nome daquela solidariedade inalterável, que incumbe sobre toda a Igreja neste domínio.

Um dos aspectos da adaptação actual da actividade missionária, que aliás sublinhámos na Nossa última *Mensagem para o Dia Mundial das Missões*, é a importância que ela atribui ao desenvolvimento. O Evangelho, que é a Boa-Nova anunciada aos pobres (cfr. *Lc 4, 18*), não é, porventura, fonte de desenvolvimento? A Igreja, consciente das aspirações humanas à dignidade e ao bem-estar, sofrendo com as desigualdades injustas que, não obstante tudo, subsistem e frequentemente se acentuam entre as nações e no interior das mesmas, embora respeite sempre a competência dos Estados, deve oferecer a sua ajuda para promover um « humanismo total », ou seja, o « desenvolvimento integral do homem todo e de todos os homens » (cfr. *Populorum Progressio*, n. 42). É uma consequência lógica da nossa fé cristã, que a Hierarquia das Filipinas recordou recentemente: « O Cristianismo e a democracia têm em comum um princípio básico — o respeito pela dignidade e pelo valor da pessoa humana e o respeito pelos meios exigidos, para que o homem possa por si mesmo alcançar a plenitude humana » (9 de Julho de 1970). É em nome deste princípio que a Igreja deve favorecer, do melhor modo possível, a luta contra a ignorância, a fome, a doença e a insegurança social. Colocando-se na vanguarda da acção social, deve envidar todos os esforços para apoiar, encorajar e suscitar as iniciativas dos que trabalham para a promoção integral do homem. Testemunha da consciência humana e, ao mesmo tempo, do amor divino para com os homens, ela deve tomar a defesa do fraco e do pobre contra as injustiças sociais.

Sabemos que já fizestes muito neste sentido, quer no campo dos estudos quer no da acção. Estamos convencido que, seguindo este caminho, estais a contribuir para a manutenção da paz. Como declarou ainda o Episcopado Filipino (1 de Maio de 1968), « a fé cristã e também a relação íntima que deve existir entre a promoção dos Direitos do Homem e o seu progresso sócio-económico constituem a verdadeira base de uma paz autêntica e duradoura ».

Ao ouvirmos a palavra « paz », como poderíamos deixar de dirigir o Nosso pensamento ao Senhor, para Lhe implorar que as populações, tão dolorosa e longamente provadas pela guerra, possam, finalmente, ter uma vida feliz e pacífica, na justiça e na dignidade?!

Pedimos, por fim, a Cristo, que faça com que esta viagem possa ser, para todos os povos da Ásia, a confirmação do convite que Ele lhes fez para aceitarem a Sua Mensagem, impregnada de verdade e amor, concebida por Deus para eles, para cada um deles, na sua própria língua, em harmonia com a sua civilização, como o povo das Filipinas a recebeu e continua a receber!

Que Maria, Mãe do Verbo feito carne e Mãe dos Apóstolos, presida, também, a este Pentecostes!

---

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana